

PAZ, Otacílio Lopes de Souza da; LIBERTI, Eduardo; FRICK, Elaine de Cacia de Lima. Aulas de campo em unidades de conservação (parques estaduais) no Paraná: experiências do projeto expedições geográficas da UFPR. In: ENCONTRO DE PRÁTICAS DE ENSINO DE GEOGRAFIA DA REGIÃO SUL, 2., 2014, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: UFSC, 2014. Disponível em: <http://anaisenpegsul.paginas.ufsc.br>>.

## **AULAS DE CAMPO EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO (PARQUES ESTADUAIS) NO PARANÁ: EXPERIÊNCIAS DO PROJETO EXPEDIÇÕES GEOGRÁFICAS DA UFPR**

Otacílio Lopes de Souza da Paz  
Acadêmico de Geografia – UFPR  
otacilio.paz@gmail.com

Eduardo Liberti  
Acadêmico de Geografia – UFPR  
eduardoliberti@hotmail.com

Elaine de Cacia de Lima Frick  
Professora do Curso de Geografia – UFPR  
elaineclfrick@gmail.com

### **INTRODUÇÃO**

Atualmente faz-se necessário a existência de Unidades de Conservação (UC) com o intuito de proteger os recursos naturais presentes em determinada área, para que as gerações futuras possam conhecer esses espaços e usufruir de sua beleza cênica.

A definição de unidades de conservação segundo a Resolução nº. 011/87 do CONAMA são de áreas naturais protegidas e sítios ecológicos com características naturais relevantes, de domínio público ou privado, legalmente instituídos pelo Poder Público para proteger a natureza, com objetivos e limites definidos e com regimes específicos de manejo e administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção. Em complemento para a regulamentação desse dispositivo foi editada a Lei nº. 9.985/2000, que criou o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC).

O SNUC define e regulamenta as categorias de unidades de conservação, separando-as em dois grupos: áreas de proteção integral, destinadas principalmente à conservação da biodiversidade, e áreas de uso sustentável, que permite o uso racional de recursos naturais, e tem como objetivo secundário a proteção à biodiversidade.

No Estado do Paraná as Unidades de Conservação foram sendo estabelecidas ao longo dos anos através de leis e decretos na esfera federal, estadual e municipal. Neste trabalho foram utilizadas como recorte espacial de estudo do Projeto Expedições Geográficas do Programa Licenciatura da UFPR as UCs denominadas de Parque Estadual

formalmente estabelecidas pelo poder público (Parque Estadual do Cânion Guartelá em Tibagi, Parque Estadual de Vila Velha em Ponta Grossa, Parque Estadual do Marumbi/Morro do Canal em Piraquara e Parque Estadual de Campinhos em Cerro Azul/Tunas do Paraná).

Com intuito de apresentar aos estudantes de escolas públicas essas UCs por meio do Projeto Expedições Geográficas, as aulas em campo trouxeram possibilidades de complementação aos conteúdos abordados em sala de aula, sendo eles de caráter socioeconômico ou natural. Segundo Galvão e Afonso (2009, p. 16), “[...] incorporando a compreensão da dinâmica dos componentes do quadro natural é que muitos se dão conta do grau de risco a que se submetem ao minimizar a importância dos processos físicos em seu dia-a-dia”.

Ao citar a relação entre Geografia e Educação Ambiental (EA), os PCNs se referem da seguinte forma:

A compreensão das questões ambientais pressupõe um trabalho interdisciplinar. A análise de problemas ambientais envolve questões políticas, históricas, econômicas, ecológicas, geográficas, enfim, envolve processos variados, portanto, não seria possível compreendê-los e explicá-los pelo olhar de uma única ciência. Como o objeto de estudo da Geografia, no entanto, refere-se às interações entre a sociedade e a natureza, um grande leque de temáticas de meio ambiente está necessariamente dentro do seu estudo (BRASIL, 1998, p. 46).

Para Afonso e Armond (2009, p. 6):

Em sala de aula pode-se debater questões teóricas, realizando conexões com elementos próximos à realidade dos educandos. Isso faz com que eles confrontem a realidade vivida com a teoria, num processo de produção e aplicação de conhecimento com o intuito de fazer com que a sociedade em geral possa compreender as dinâmicas da natureza, se aproximando e nela intervindo de outra forma. Assim, saber por que os cursos d’água são degradados, os riscos geofísicos da ocupação desordenada nas encostas, a destinação dos resíduos sólidos, a poluição atmosférica e das águas ou até mesmo as causas de determinadas doenças infectocontagiosas são conhecimentos que podem ser efetivados a partir da Geografia, sobretudo da Geografia Física, aprofundando e valorizando as relações entre o educando e o seu lugar.

Segundo Mezzomo e Frick (2010), evidencia-se que as aulas práticas em campo proporcionam aos alunos a descoberta de uma realidade até então ouvida ou imaginada, o que, conseqüentemente, se torna real com importante ampliação da compreensão dos fatos estudados. De acordo com Kaercher (1999, p.16) citado por Mezzomo e Frick (2010), se os alunos puderem ter na Geografia um instrumento útil de leitura do mundo,

os professores estarão ajudando a construir, não só uma escola e um ensino melhor, mas uma sociedade mais crítica diante das diferentes situações de miséria humana e problemas ambientais.

## **OBJETIVOS**

A prática pedagógica realizada com alunos de escolas públicas através do Projeto Expedições Geográficas proporcionou o conhecimento dos aspectos geográficos e ambientais das UCs visitadas. Por meio da aula de campo os estudantes puderam compreender a importância dos parques estaduais entendendo porque foram transformados em UCs, além de terem entrado em contato com locais onde a natureza encontra-se conservada, fato distante da realidade do centro urbano onde vivem.

## **METODOLOGIA**

A metodologia utilizada para o trabalho nas escolas busca aproximar os conteúdos transmitidos aos alunos à realidade ou contexto em que estes estão inseridos. Sendo que a iniciativa para a participação no Projeto pode ser tanto de um professor interessado como do contato do próprio Projeto para com uma determinada escola.

A integração entre os conteúdos trabalhados em sala e durante a aula de campo tem a finalidade de facilitar o aprendizado dos alunos e ocorre em três principais momentos: o pré-campo, o campo e o pós-campo, que serão detalhadas adiante. Porém, antes que ocorram, de fato, estes três momentos, os participantes do Projeto reúnem-se a fim de pesquisar os possíveis locais para as aulas de campo, buscando informações teóricas acerca de aspectos geográficos, tais como a geologia, o relevo e a vegetação, por exemplo. Em seguida, um campo de reconhecimento é realizado pelos integrantes do Projeto com a finalidade de traçar os roteiros que poderão ser realizados no local, as possíveis dificuldades e os conteúdos que poderão ser abordados. Além de determinar questões envolvendo a segurança do grupo que irá participar.

Posteriormente a estes procedimentos, realiza-se um primeiro contato com os professores com a finalidade de identificar qual a perspectiva em relação aos conteúdos que o professor deseja que sejam abordados. Assim, os integrantes do Projeto preparam, adequadamente, o plano de aula e os demais materiais a serem utilizados durante o processo. Também é realizado um levantamento da quantidade e da faixa etária dos

alunos participantes. Após este contato, são agendadas três aulas: uma para o pré-campo, uma para o campo e a última para o pós-campo. Normalmente, para a visitação de escolas ou grupos grandes de pessoas em Parques Estaduais, é preciso um agendamento prévio, ficando a cargo do professor responsável pela turma atendida pelo Projeto tal agendamento.

## **2.1 PRÉ-CAMPO**

O pré-campo acontece em sala de aula, aonde o grupo responsável participante do Projeto irá até a escola, para que assim, seja estabelecido o primeiro contato dos alunos com objeto de estudo que será vivenciado por eles durante o campo. Esse contato ocorre com uma ou duas semanas de antecedência ao dia do campo, dependendo da disponibilidade do professor em conceder o horário de aula. Para este primeiro contato é preparado um material específico sobre o ambiente em que irá ocorrer o campo, neste caso em uma UC. Além de que, diversos recursos são utilizados durante esta aula, tais como: a apresentação de slides, fotos e vídeos acerca do local da aula de campo e o uso de amostras de rochas e de vegetação, que tem o intuito de despertar a curiosidade e o interesse pela atividade. O chamado “Princípio da vez e voz” é fortemente estimulado no pré-campo, sendo que, a todo o momento, perguntas são feitas aos alunos, como a familiaridade com o local e o que eles esperam de uma aula de campo.

No pré-campo são abordados temas envolvendo os aspectos geográficos do local, como a geologia, a geomorfologia, o clima, a vegetação, a preservação ambiental e a ação antrópica. Também nessa aula é explicado o que é uma UC, assim como sua importância para a preservação e conservação da fauna, flora, dos recursos hídricos, das características culturais, ou mesmo na recuperação de áreas degradadas, dentre outros fatores envolvendo a preservação de tais ecossistemas.

Para que haja um bom aproveitamento e funcionamento das atividades programadas, algumas recomendações são passadas aos alunos durante o pré-campo, tais como: o vestuário e calçado apropriado, o uso de repelente, protetor solar, medicamentos, caso necessário, a alimentação adequada e os horários previstos para a saída e o retorno ao colégio. Além disso, procedimentos e cuidados que o aluno deve adotar durante a aula de campo e perante o espaço visitado, também são discutidos durante a aula de pré-campo. Ressalta-se que os estudantes só poderão ir à aula de

campo mediante autorização de um responsável, ficando a cargo da direção da escola a maneira com que comunicarão os mesmos. Vale salientar, que o transporte dos estudantes, da escola até o local do campo e vice-versa, é feito por veículos oficiais da UFPR, tais como ônibus, micro-ônibus e vans, não gerando nenhum custo aos mesmos.

## **2.2 A AULA DE CAMPO**

Durante a aula de campo, os integrantes do Projeto Expedições Geográficas procuram estimular a reflexão dos alunos a respeito dos aspectos do local em questão, fazendo com que eles interpretem as relações sociais e naturais que permeiam tal localidade. Para tanto, foi criada a “Caderneta de Campo”, um instrumento pedagógico contendo diversas informações acerca das características geográficas do local da aula de campo. Cada aluno recebe uma, podendo, então, identificar e anotar o que observou em campo, servindo como uma importante ferramenta de fixação do conteúdo trabalhado e aprendido.

O trabalho dos membros do projeto é realizado de maneira organizada, sendo que cada integrante assume uma função durante as aulas de campo, como, por exemplo, o “Abre-Trilha” e o “Fecha-Trilha”. O primeiro é responsável por guiar os alunos durante todo o percurso da aula de campo. Assim, por medidas de segurança, sua função consiste, também, em não permitir que nenhum estudante passe a sua frente. Já o “Fecha-Trilha”, deverá ficar disposto por último durante o trajeto realizado, mantendo os alunos à sua frente a fim de evitar que os mesmos se separem do grupo. Os demais integrantes se mantêm entre os alunos, podendo, portanto, interagir com estes, resolvendo possíveis dúvidas e problemas. A fim de manter a segurança e a integridade dos alunos, os membros do Projeto participaram de treinamentos referentes a primeiros socorros.

Os integrantes do Projeto visam, a todo o momento, chamar a atenção dos estudantes para os elementos geográficos de interesse. Assim, os lugares visitados pelo Projeto Expedições Geográficas variam de acordo com a necessidade do professor em trabalhar alguma temática específica ou mesmo pela proposta do Projeto. São diversos os ambientes onde são realizadas as aulas de campo, porém, serão destacados os locais que estejam inclusos nos roteiros do Projeto e que constituem em UCs, pertencentes a Parques Estaduais do Estado do Paraná.

- Parque Estadual do Guartelá (figura 1): Localiza-se no município de Tibagi - PR, Região dos Campos Gerais paranaense. O Parque Estadual do Guartelá possui uma área total de 798,97 hectares e foi criado através do Decreto Estadual nº 1.229 de 27 de Março de 1992 e implantado pelo Decreto nº 2.329 de 24 de Setembro de 1996, com a finalidade de proteger um rico patrimônio natural e arqueológico da região do canion do Rio Iapó. A administração do Parque é de responsabilidade do IAP (Instituto Ambiental do Paraná).

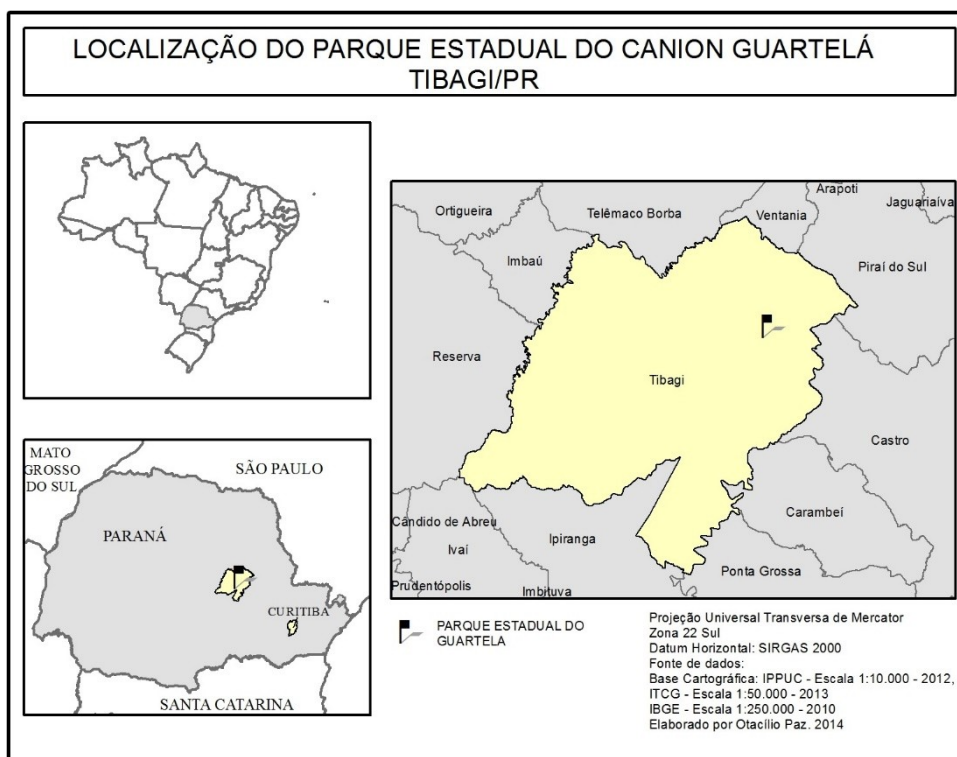


Figura 1 – Localização do Parque Estadual do Canion Guartelá. Fonte: arquivos do projeto, 2014.

- Parque Estadual de Vila Velha (figura 2): Situado no município de Ponta Grossa - PR, aproximadamente 100 km de distância da capital do Estado, Vila Velha é uma importante Unidade de Conservação, que possui uma área de 3.122,11 hectares. Os principais atrativos do Parque são: os Arenitos, as Furnas e a Lagoa Dourada. O Parque Estadual de Vila Velha foi criado pelo Decreto nº 1.292 de 12 de Outubro de 1957, com a finalidade de preservar as formações areníticas e parcelas representativas dos campos nativos do Estado do Paraná. No ano de 1966, o Parque foi tombado pelo Departamento do Patrimônio Histórico e Cultural do Estado. O órgão responsável pela administração do Parque é o IAP.

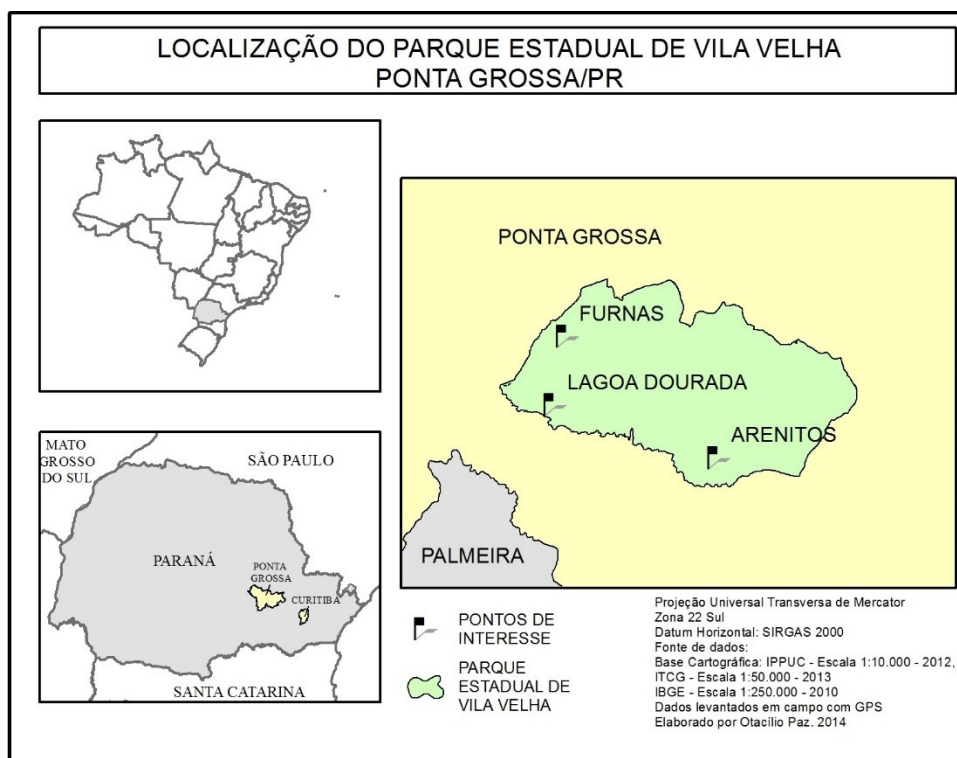


Figura 2 – Localização do Parque Estadual de Vila Velha. Fonte: arquivos do projeto, 2014.

- Morro do Canal: Localiza-se no município de Piraquara - PR, Região Metropolitana de Curitiba (Figura 3). O Morro do Canal tem aproximadamente 1.370 metros de altitude ao nível do mar e pertence ao Parque Estadual Pico do Marumbi. O Parque Estadual Pico do Marumbi localiza-se na Serra do Mar paranaense e foi criado pelo Decreto Estadual nº 7.300, de 24 de Setembro de 1990, abrangendo partes dos municípios de Morretes - PR, Quatro Barras - PR e Piraquara – PR, possuindo uma área total de aproximadamente 2.342 hectares. O Parque é administrado pelo IAP.

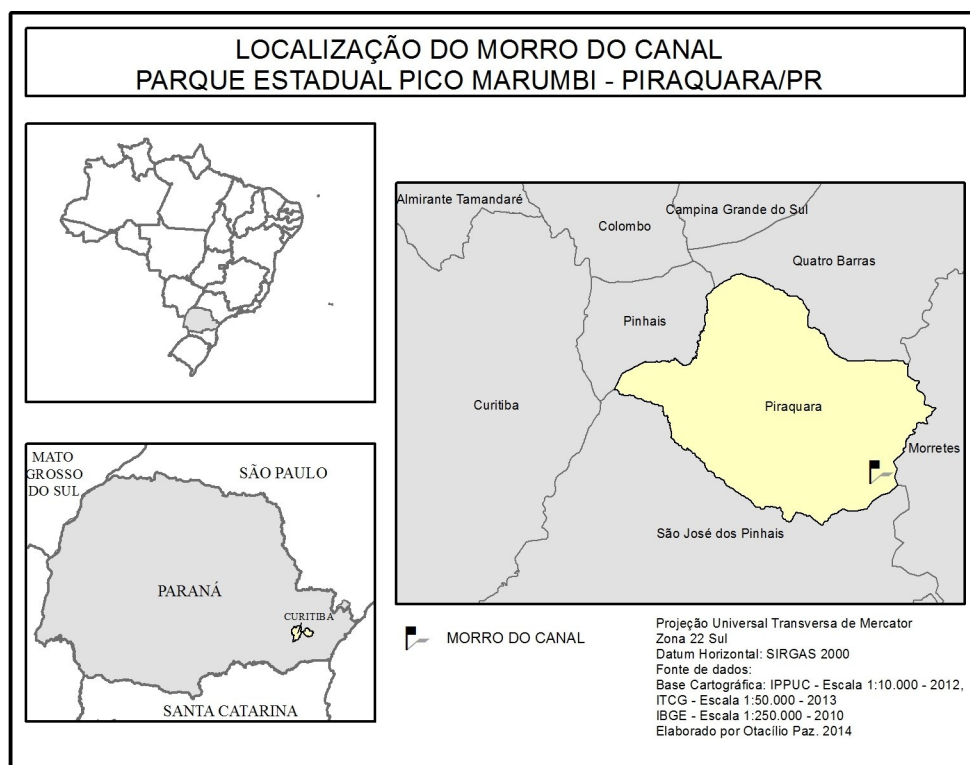


Figura 3 – Localização do Morro do Canal. Fonte: arquivos do projeto, 2014.

- Parque Estadual de Campinhos: Está localizado em partes dos municípios de Cerro Azul – PR e Tunas do Paraná – PR (Figura 4). O Parque Estadual de Campinhos possui uma área de 336.98 hectares e foi criado no ano de 1960 pelo Decreto Estadual nº 31.013 e ampliado no ano de 2002 pelo Decreto nº 5.768, com a finalidade de proteger as Grutas do Conjunto Jesuítas/Fada, sendo um importante patrimônio espeleológico do Estado. A administração do Parque é de responsabilidade do IAP.



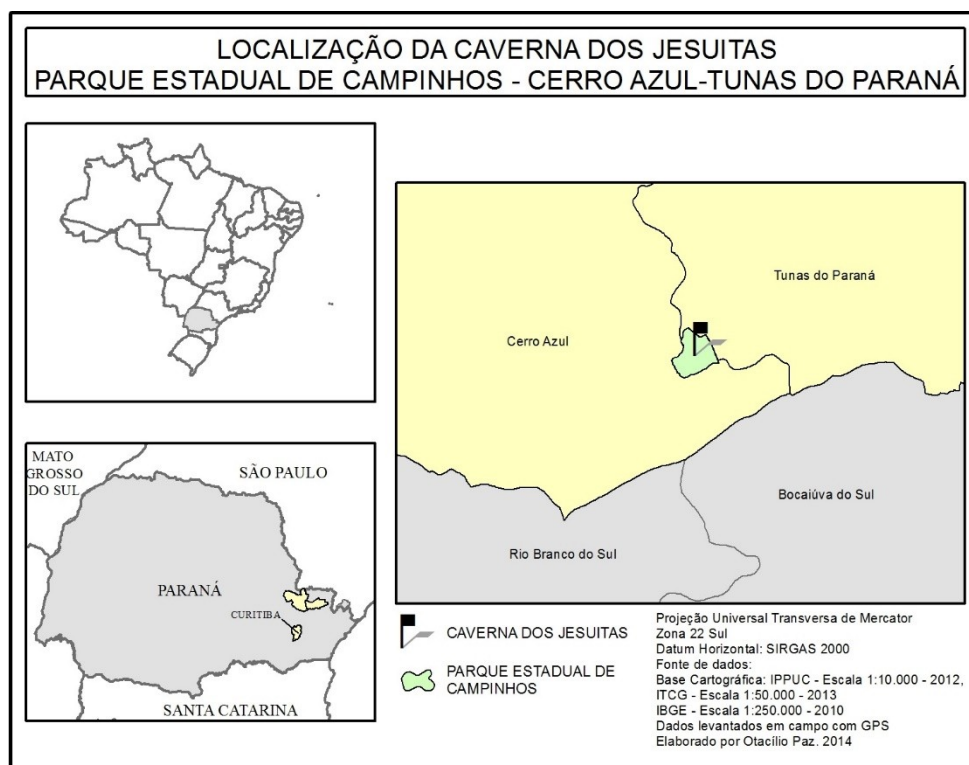


Figura 4 – Localização do Parque Estadual de Campinhos. Fonte: arquivos do projeto, 2014.

### 2.3 PÓS-CAMPO

O pós-campo consiste no terceiro momento da metodologia utilizada pelo Projeto Expedições Geográficas, ele é aplicado uma ou duas semanas após a realização do campo. Neste momento, o grupo do Projeto retorna pela segunda vez a sala de aula, com o objetivo de concluir o foco proposto pelo mesmo. O pós-campo ocorre de maneira descontraída: fotos do dia do campo são mostradas através de uma apresentação de slides e um “bate-papo” é iniciado com os alunos a fim de relembrar a aula de campo e sanar possíveis dúvidas. Após este “bate-papo”, é aplicado um questionário/avaliação contendo questões referentes ao que foi visto durante a aula de campo. Este questionário/avaliação tem como finalidade verificar e coletar informações pertinentes ao que o aluno conseguiu assimilar durante o processo, como, por exemplo, o grau de dificuldade, as sensações e as observações relacionadas aos temas propostos pelo Projeto e realizados por ele durante o trajeto. Nesse momento, busca-se enfatizar aos alunos sobre a temática envolvendo as Unidades de Conservação, apontando os pontos positivos na criação das mesmas para com a preservação e conservação de

ambientes do patrimônio natural e cultural de cada localidade onde se encontra tal Unidade.

Além da aplicação do questionário/avaliação, é também solicitado ao aluno a construção de um mapa mental, que tem como objetivo verificar a percepção dos mesmos em relação ao espaço/ambiente visitado em campo. Segundo KOZEL (2010, p.1), o mapa mental explicita que:

[...] o mundo cultural é considerado não apenas como uma soma de objetos, mas como uma forma de linguagem referendada no sistema de relações onde estão imbricados valores, sentimentos, atitudes e vivências e essas imagens passam a ser entendidas como mapas mentais.

Sendo assim, o mapa mental torna-se um importante recurso de avaliação para compreender o que foi assimilado pelos alunos diante da proposta do Projeto, pois, através deste recurso, os estudantes retratam de modo particular a visão, os pensamentos e interpretações da realidade vivenciada por eles.

Após todo o processo de pré-campo, campo e pós-campo, os resultados obtidos através da aplicação dos questionários/avaliações, mapas mentais e registros fotográficos das aulas de campo são utilizados na elaboração, pelo grupo do Projeto responsável, de um relatório. Posteriormente, estes dados e experiências são relatados e debatidos em reuniões com todos os participantes do Projeto Expedições Geográficas, sendo, por fim, arquivado e podendo ser utilizado para pesquisas posteriores.

## **RESULTADOS PRELIMINARES**

No primeiro semestre letivo de 2014, foram realizadas 5 expedições com alunos da rede pública de ensino à UCs. Ao todo foram envolvidas 133 pessoas sendo 116 alunos e 05 professores e os demais membros do projeto.

Foram realizadas 2 expedições ao Parque Estadual do Cânion Guartelá (Tibagi/PR). Na primeira expedição (figura 5) foram atendidos 21 alunos do 3º ano do ensino médio do Colégio Estadual Padre Cláudio Morelli, localizado no bairro Umbará em Curitiba/PR.



Figura 5 – Alunos da primeira expedição ao Parque Estadual do Cânion Guartelá no primeiro semestre de 2014. Fonte: arquivos do projeto, 2014.

Nessa expedição, como era um dia chuvoso, pode-se abordar conceitos sobre a vazão dos rios, escoamento superficial e a influência na vegetação e no relevo da região. Além disso, foram abordados alguns conceitos sobre climatologia geográfica tais como diferenças de pressão e temperaturas. Em certo ponto no decorrer da aula de campo, foi observado alguns animais (tatus, pica-paus, esquilos, etc.), e pode-se discorrer sobre a influência antrópica sobre os mesmos. Por fim, após as explicações sobre os vários elementos presentes nas paisagens do Parque Estadual do Cânion Guartelá, foram abordados conceitos a respeito da importância da criação, conservação e do uso sustentável daqueles espaços (figura 6).



Figura 6 – Alunos da primeira expedição ao Parque Estadual do Cânion Guartelá no primeiro semestre de 2014. Fonte: arquivos do projeto, 2014.

Com a posterior análise dos questionários e dos mapas mentais constatou-se que os alunos conseguiram assimilar os vários elementos presentes nas paisagens assim como sua inter-relação (solo com a vegetação, vegetação com o relevo, relevo com o tempo, etc.). As respostas mais comuns quando era indagado sobre a importância do parque foram “por que é um lugar único”.

Na segunda expedição ao Parque Estadual do Cânion Guartelá (figura 7) foram obtidos resultados semelhantes. Participaram 19 alunos de um 3º ano do ensino médio do Colégio Estadual Hasdrubal Bellegard, localizado no bairro Sítio Cercado em Curitiba/PR. Durante a aula de campo, foram abordados e explicados sobre os vários elementos contidos naquele espaço assim como sua relação (figura 8). A todo momento os alunos levantavam questionamentos durante tanto nas aulas de campo como nas aulas de pré-campo e de pós-campo.





Figura 7 – Alunos da segunda expedição ao Parque Estadual do Cânion Guartelá no primeiro semestre de 2014. Fonte: arquivos do projeto, 2014.



Figura 8 – Alunos da segunda expedição ao Parque Estadual do Cânion Guartelá no primeiro semestre de 2014. Fonte: arquivos do projeto, 2014.

A terceira expedição ocorreu no Parque Estadual de Vila Velha (Ponta Grossa/PR) com 25 alunos, do 9º ano do ensino fundamental pertencentes ao Colégio Estadual São Pedro Apóstolo localizado no bairro Xaxim em Curitiba/PR (figura 9). Em campo foram observadas as várias formas típicas do relevo ruiforme assim como as furnas e a lagoa dourada. Além disso, foram discutidos os conceitos acerca da fauna, flora e também alguns aspectos sobre o tempo/clima da região.

Com base nessa primeira abordagem em campo, sobre as características e relação dos vários elementos da paisagem, pode-se partir para a abordagem da importância daquela UC. Foi explicitado então, entre outras características, a importância geológica/geomorfologia daquela UC, pois as formas encontradas ali são únicas. Notou-se que os alunos entenderam essa premissa assim como a interferência antrópica pode danificar aquela paisagem. Vale salientar também que os painéis informativos instalados pelo Serviço Geológico do Paraná – MINEROPAR – foram de grande ajuda no momento da explicação das formações (figuras 10 e 11).



Figura 9 – Alunos na expedição ao Parque Estadual de Vila Velha. Fonte: arquivos do projeto, 2014.

Alguns alunos já haviam visitado o Parque Estadual de Vila Velha, mas de acordo com as respostas presentes nas cadernetas de campo e em conversas entre os alunos e os monitores do projeto durante a aula de campo, muitos deles não tinham notado os vários elementos ali presentes assim como a fragilidade daquele ambiente.





Figura 10 (esquerda) e 11 (direita) – Explicação das formações geológicas presentes no parque com auxílio dos painéis informativos instalados pela MINEROPAR. Fonte: arquivos do projeto, 2014.

A quarta aula de campo aconteceu no Parque Estadual do Pico do Marumbi, onde fica o morro do Canal, em Piraquara/PR (figura 12), onde 24 alunos participaram da aula, sendo os mesmos do 2º ano do ensino médio do Colégio Estadual do Paraná localizado no bairro Centro em Curitiba/PR. Seguindo a metodologia, abordou-se inicialmente os vários aspectos daquelas paisagens tais como solos, clima, relevo, vegetação e outros, assim como sua correlação. Após, foi questionado aos alunos quais seriam os possíveis problemas que a ação antrópica descontrolada poderia causar naquele ambiente.



Figura 12 – Aula de campo ao Parque Estadual do Pico Marumbi. Fonte: arquivos do projeto, 2014.

Vale destacar que essa turma já havia participado de aula de campo no mesmo local no ano anterior, isso fez com os alunos, por conta própria, fizessem suas próprias interpretações sobre aquele ambiente, identificando sozinhos as relações entre os vários elementos da paisagem (solos, altitude, ventos, vegetação, etc.) assim como fazendo críticas a infraestrutura disponibilizada pelo parque e se preocupando com locais que oferecem maiores riscos ao longo da trilha (figura 13).



Figura 13– Trecho de risco na trilha para o cume do Morro do Canal. Fonte: arquivos do projeto, 2014.

A última aula de campo em UC do primeiro semestre de 2014 ocorreu no Parque Estadual de Campinhos (figura 14), localizado entre os municípios de Tunas do Paraná e Cerro Azul, com a participação de 27 alunos do 1ª ano do ensino médio do Colégio Estadual Padre Cláudio Morelli.

Essa UC consiste em uma área destinada a conservar cavernas existentes em seu interior (tais como a Gruta das Fadas e Grutas dos Jesuítas, por exemplo). Logicamente, foram necessárias abordagens (em todas as fases metodológicas) a respeito da geomorfologia cárstica em especial a formação dos espeleotemas (estalactites, estalagmites, colunas, cortinas, entre outros). Informações a respeito da fauna, flora e outros aspectos referentes ao ambiente cavernícola também foram apresentados aos alunos tanto em sala de aula quanto em campo.





Figura 14 – Aula de campo ao Parque Estadual de Campinhos. Fonte: arquivos do projeto, 2014.

A expressão mais comum no rosto dos alunos foi de fascinação, pois nenhum deles antes havia visitado uma caverna. Isso se tornou uma vantagem, pois com esse sentimento de descoberta vem o sentimento de curiosidade o que facilita e muito o processo de aprendizagem. Com o auxílio dos guias do parque e da explicação sobre os vários elementos ali presentes, bem como sua correlação, pôde-se iniciar a abordagem referente à importância da conservação daquele lugar dando ênfase em como a ação antrópica pode alterar, de forma por vezes irreversível, suas características naturais.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Percebe-se o grande potencial da aula de campo para o ensino da Geografia, sobretudo no que se refere a temática ambiental das Unidades de Conservação. As atividades propostas tiveram boa recepção por parte dos alunos, uma vez que aproximou os mesmos com a realidade por eles estudada. Pretende-se aplicar a metodologia proposta em novas aulas de campo a outras Unidades de Conservação.

## **REFERÊNCIAS**

AFONSO, A.E; ARMOND, N.B. Reflexões sobre o ensino de geografia física no ensino fundamental e médio. In: ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICAS DE ENSINO DE GEOGRAFIA, 10., 2009, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2009.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 156 p.

GALVÃO, C. F.; AFONSO, A. E. **A geografia e os ciclos**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Educação, 2009.

IAP. **Parque Estadual de Vila Velha**. Disponível em: < <http://www.iap.pr.gov.br/modules/ucps/aviso.php?codigo=2> > acesso em 25/07/2014.

IAP. **Parque Estadual do Canion Guartelá**. Disponível em: < <http://www.iap.pr.gov.br/modules/ucps/aviso.php?codigo=1> > acesso em 25/07/2014.

IAP. **Parque Estadual de Campinhos**. Disponível em: < <http://www.iap.pr.gov.br/modules/ucps/aviso.php?codigo=41> > acesso em 25/07/2014.

KOZEL, Salette. Representação do espaço sob a ótica, dos conceitos: mundo vivido e dialogismo. **XVI Encontro Nacional dos Geógrafos**. Porto Alegre. 2010.

MEZZOMO, M. M.; FRICK, E. de C. de L. Projeto Expedições Geográficas na Serra do Mar: Teoria e Prática do Ensino de Geografia. In: **Anais XVI Encontro Nacional dos Geógrafos**. Porto Alegre, 2010.

STRUMINSKI, EDSON. **Parque Estadual Pico do Marumbi**. Curitiba: UFPR, 2001.